

AMÉRIQUE MÉRIDIONALE



AMÉRIQUE MÉRIDIONALE. VICTOR LEVASSEUR, 1840. 28,5 X 43 CM

Em sobreposição ao cenário desenhado pelo pintor Paymond Bonheur, a carta de Levasseur apresenta algumas curiosidades. Índios aparecem em padrões helênicos, com poses e traços que lembram a arte clássica, sem fazer referência aos "bárbaros" de mapas de séculos anteriores. À esquerda, pinheiros mostram a dificuldade de ilustrar a vegetação local, ao lado de cena com cavalos que não se adequa à América. À direita, vê-se exploração de minério e convivência pacífica com animais selvagens. No quadro de levantamento populacional, o Brasil aparece com seis milhões de habitantes.

ESFERA ARMILIAR, S/D. 38,5 X 40 X 38,5 CM.

Antigo instrumento astronômico formado por vários anéis metálicos, chamados de armilas, representando os principais meridianos e paralelos celestes que envolvem a Terra. Nesta peça, a Terra é representada ao centro. Repare na linhas do Equador, Trópicos e Círculos Polares. Na exposição há mais quatro esferas semelhantes e um planetário.

SEXTANTE. H. HUGUES LONDRES. SÉCULOS XVII/XIX

Usado para medição da altura dos astros. Conhecido desde a Antiguidade, sofreu adaptação ao uso de navegação praticado pelos portugueses. Seu nome vem da proporção de um círculo. Sextante significa um sexto de círculo, ou seja, 60°. O mesmo critério vale para quadrantes (um quarto de círculo, 90°) e octantes (um oitavo de círculo, 45°). O astrônomo inglês John Hadley concebeu o primeiro octante usado no mar, em 1872. Os octantes mais antigos eram feitos de madeira, com escalas em marfim, osso ou latão.

CARTA-PORTULANO DO MEDITERRÂNEO. JOAN OLIVA, 1610. 54 X 94,7 CM

Desenhada sobre pergamino animal, é uma das cinco raras cartas-portulanos da mostra, datadas dos séculos XVI e XVII. Para ilustrá-la, o cartógrafo desenhava rumos magnéticos e de distância entre um porto e outro. Joan Oliva pertence à segunda geração da família Oliva, responsável pelos principais mapas produzidos no Mediterrâneo ocidental. As cartas-portulanos eram relatos que indicavam rumo e estimativa de tempo.

TUSSCHEN CABO DE CUMA EN BAHIA BAXA. IOHANNIS VAN KEULEN, 1683. 50,6 X 57,6 CM.

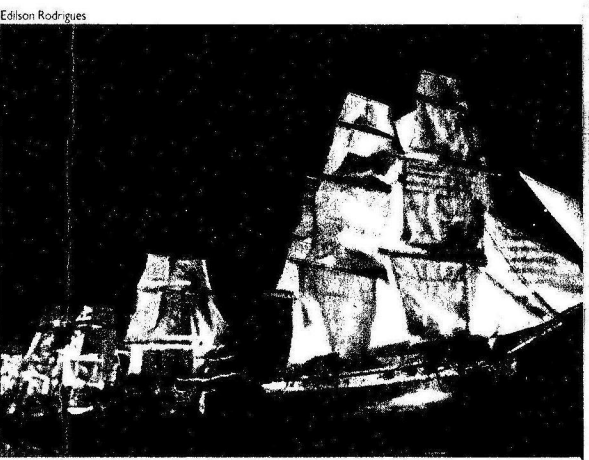
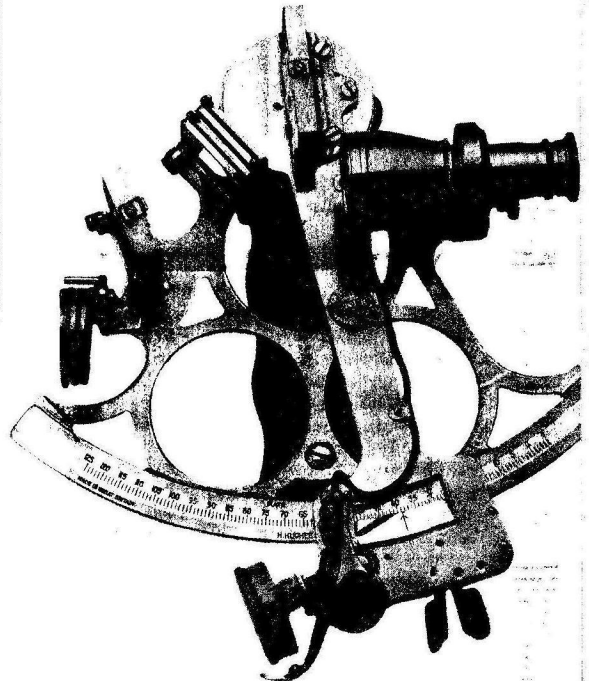
Uma das dez chapas que, unidas, formam a costa brasileira. Por mais de dois séculos, a família van Keulen dedicou-se à produção e venda de mapas. Curiosa descrição sobre habitantes do Brasil que integrava a edição francesa do atlas de 1680: "São, em sua maior parte cruéis, selvagens e devoram homens (...). Eles fazem continuamente guerra entre eles mesmos (...) como fazemos com porcos, os seus inimigos vencidos e aprisionados, que eles enfim matam e assam sobre grelhas de madeira e devoram com grandes cerimônias".

BRASIL. GIOVANNI RAMUSIO, 1557. 27 X 38 CM.

Desde o Norte até o Rio da Prata, o mapa mostra o comércio de madeira entre portugueses e índios, com cenas de derrubada de árvores (à esquerda) e o contato entre os povos (à direita, portugueses erguem um cálice). Próximo aos dois colonizadores, está ilustrada uma oca do ponto de vista da arquitetura européia. Em meio a naus, monstros marítimos (comuns em mapas antigos) dimensionam o perigo do mar. A ilha de Fernando de Noronha está à direita, próxima a dois desses monstros.

MAQUETES VOTIVAS

Os modelos dos barcos de navegação reproduzem antigos veleiros. A concepção é rica em detalhes e obedece a uma rígida escala com mastros, aparelhos e armamentos. Ao observar as miniaturas de antigos navios de madeira, é possível se ter ideia do nível das construções dos períodos áureos da navegação, dos quais fazem parte as viagens européias dos séculos XV - XVI. A iluminação amarelada ajuda a remeter o visitante à época.



O CAMINHO DA HISTÓRIA